

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED

Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde – EducaSaúde

MINISTÉRIO DA SAÚDE

DEPARTAMENTO DE ATENÇÃO BÁSICA – DAB

Curso de Especialização de Saúde Coletiva e Educação na Saúde

“COMO VOCÊ CONTA O QUE VOCÊ FAZ?”

~ PORTIFÓLIO DE UMA VIDA ESPECIALIZA(n)DA ~

IRINA NATSUMI HIRAOKA MORIYAMA

Orientador: Luciano Bedin da Costa

Coorientador: Marcos Botelho Piovesan

Brasília,

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FACED
Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde – EducaSaúde

MINISTÉRIO DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE ATENÇÃO BÁSICA – DAB

Curso de Especialização de Saúde Coletiva e Educação na Saúde

“COMO VOCÊ CONTA O QUE VOCÊ FAZ?”
~ PORTIFÓLIO DE UMA VIDA ESPECIALIZA(n)DA ~

IRINA NASTUMI HIRAOKA MORIYAMA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito parcial para obtenção de título de Especialista em Saúde Coletiva pelo Curso de Especialização de Saúde Coletiva e Educação na Saúde, sob a orientação do Prof. Dr. Luciano Bedin da Costa e coorientação do cineasta Marcos Botelho Piovesan

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Prof Dr Luciano da Costa Bedin
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Examinadora: Daniele Noal Gai
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Brasília, ____ de _____ de 2014.

Quem anda no trilho é trem de ferro
Sou água que corre entre pedras:
— liberdade caça jeito

Procuro com meus rios os passarinhos
Eu falo desemendado

Me representa que o mundo
é como bosta de onça, tem de tudo:
— cabelos de capivara
casca de tatu...

[Manoel de Barros, 2010. p.157-158]

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso traz uma narrativa de percurso da autora referente ao seu processo de produção, aos moldes de um portfólio. Com o objetivo de encontrar espaços de criação, produção e potência, a autora, afetada pela sua experiência “oficial” anterior de cartografia, procura possibilidades de transcender as palavras escritas-lidas no papel para a produção do Trabalho. Encontra no vídeo e nas fotografias uma potência, porém, sem aplicabilidade do mesmo. Frente à sua inserção no Departamento de Atenção Básica (DAB), é envolvida (e se envolve) com a organização e realização da IV Mostra Nacional de Experiências da Atenção Básica / Saúde da Família (Brasília, 2014), a qual toma por objeto de estudo o conceito de experiência de Jorge Bondía e analisa sua aplicação prática no evento. Ter experiência, segundo Bondía (2002), é algo raro na sociedade atual, implica irmos além (ou contra) os excessos de informação, opinião e trabalho, implica termos um vão no dia-a-dia para podermos sentir mais devagar, ouvir mais devagar, pensar sobre o que sentimos, refletir sobre o que ouvimos... A intensidade do evento teve muitas afetações e o desafio fica em como dar mais vazão e continuidade a elas.

Palavras-chave: Cartografia. Experiência. Saúde Coletiva.

SUMÁRIO

PREÂMBULO I.....	6
PREÂMBULO II	9
DO EXPERIMENTAR.....	13
DA EXPERIÊNCIA.....	20
DO SUJEITO DA EXPERIÊNCIA	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32



Fotografia: Irina Moriyama, 2014. Chão de Brasília – Asa Norte

PREÂMBULO I

Os Trabalhos de Conclusão que realizei até então estavam vinculados a quatro e dois anos de curso – respectivamente graduação e Residência Multiprofissional em Saúde –, tempo suficiente para me dar subsídios de pensar e decidir o tema a ser discutido.

Desta vez foi: Diferente, pois logo nos primeiros meses era preciso saber quem seria o/a orientador/orientadora e o tema ou objeto do Trabalho; Igual, foi o ímpeto de pedir orientação para *alguéns* desconhecidos, pelo “simples” fato de se identificar com algumas temáticas.

Na graduação, fui orientada pela professora Samira Costa, da Terapia Ocupacional no campo social, movida pelo meu imaginário e desejo de trabalho com crianças em situação de rua.

Na Residência, a orientação foi para que eu procurasse Conrado Federici, o prof. (e) Dr. da Alegria que poderia sustentar propostas de cuidado leve com as atrizes e atores envolvidos com o Programa, bem como a discussão do papel dos/das residentes.

E, depois de alguns anos, percebo que desde a graduação tenho tentado extrapolar os muros da instituição Saúde.

A história da Terapia Ocupacional, bem como seu reconhecimento (interno e externo), tem um forte viés da / na saúde.

E a Saúde Coletiva diz-se transdisciplinar, voltada fortemente para as disciplinas relacionadas à saúde, institucionalizando-nos a uma determinada saúde.

Recorro, então, à minha última e mais marcante / significativa experiência, o Trabalho de Conclusão da Residência (TCR): *O QUE PODE UM CORPO? Sopros e ventos da Terapia Ocupacional na Residência Multiprofissional em Atenção à Saúde*. Assim como citado no trabalho, apresentado à banca e apre(e)ndido por esta autora, referencio-me aqui às considerações finais já ditas, pesquisadas e legitimadas outrora. As conclusões que aqui cabem especificamente para este trabalho são:

Começo considerando o plano das palavras escritas-lidas no papel. Papel formatado, marginalizado, impresso e – inicialmente – sem rasuras. [...] Posso afirmar que elas não são o suficiente para expressar o conteúdo das vivências e, muito menos das experiências. [...]

Dessa mesma forma, pontuo a restrição deste trabalho referente à diversidade de fontes possíveis citadas anteriormente por Suelly Rolnik (1989). Exponho aqui a vontade de ter ido além de palavras e desenhos – uma cartografia possibilita criações que transcendem, invade o campo das artes, dos filmes e das músicas [...] (MORIYAMA, 2013, p.64.).

Desse Trabalho (TCR), tentei transgredir os limites das *palavras escritas-lidas no papel* ao apresentá-lo – mesmo porque muitos dos expectadores e expectadoras não haviam tido acesso ao texto. O Trabalho havia sido entregue impresso em papéis sulfite e vegetal e encadernado com miçangas em sua espiral: um convite à leveza e à estética.

Do atual Trabalho, parto da experiência anterior, na qual senti a restrição das *palavras escritas-lidas no papel* e o desejo das *criações que transcendem*. Início pensando e articulando outras formas de produção do Trabalho para ir além dos limites já conhecidos.

Dos capítulos, estes podem ser lidos aleatoriamente. Não há uma linearidade e nem obrigatoriedade de leituras prévias e próximas. As metodologias que costumam ser sugeridas falam de regras previamente estabelecidas, de ordem dos capítulos, da introdução, da metodologia, desenvolvimento, resultados, conclusões, anexos... (PASSOS, KASTRUP E ESCÓSSIA, 2009), um caminho seguro da ciência (BONDÍA, 2002).

O conteúdo é necessário, concordo! Mas a forma... esta é dada *desta forma* para escritas sedentárias¹ (VASCONCELOS, 2007), onde seus leitores e leitoras saberão exatamente onde encontrar o conteúdo.

Sou nômade, assim como descreve Maria Helena Vasconcelos.

Sou fragmentária, assim como Clarice Lispector.

Eu falo desmembrado, assim como Manoel de Barros.

¹ A escrita sedentária organiza a complexidade do mundo de modo a classificá-lo a partir de identidades que se assemelham, retirando suas diferenças e tornando-as uma essência abstrata (VASCONCELOS, 2007).



Fotografia: Monica Yumi Silveira, 2014. Céu de Brasília – Bay Park

PREÂMBULO II

É uma continuação.

Sendo esta a minha primeira tentativa de uma cartografia, considero-a um ensaio. E o será sempre.[...]

E, sendo esta a minha primeira tentativa de uma cartografia, levo comigo o conselho que Mário Quintana (2012) dá nas entrelinhas, ao falar do *velho poeta*:

Velho?! Mas como?! Se ele nasceu na manhã de hoje...

Não sabe o que fazer do mundo,

Das suas mãos,

De si mesmo,

Do seu sempre primeiro e penúltimo amor...

E – quem diria? – o que ele mais teme na vida é o seu próximo poema!

Porque está sempre perigando sair tão comovedoramente ruinzinho

Como os primeiros poemas que ele escreveu menino... (p. 127)

(MORIYAMA, 2013. p.64.).

Não quero ser a velha pesquisadora e nem abandonar minha promissora carreira de cartógrafa, assim como o amigo-narrador do *Pequeno Príncipe*, de Antoine Saint Exupery (2009): “Foi assim que abandonei, aos seis anos, uma promissora carreira de pintor. Fora desencorajado pelo insucesso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2.” (p.8).

Encontro-me, então, em minha segunda cartografia. Considerando-a, desde já, um ensaio. Ou não...



²

Nesta incerteza, vou de encontro ao texto orientador de Heloisa Germany (2014), que traz o *portifólio como dispositivo de produção e avaliação pedagógica*, e vou me identificando com suas definições: “O criador de um portfólio é um

² Tira de quadrinho de Gurulino, extraída de: <https://www.facebook.com/GurulinoBook/photos>. Gurulino é personagem-criação de Pedro Sangeon, goiano, formado em Artes pela Universidade de Brasília (UnB), morou no exterior e atualmente encontra-se (Pedro e Gurulino) pelas ruas de Brasília.

coleccionador de momentos [...], deve buscar equilíbrio entre um olhar sensível, analítico e crítico com o apoio de uma narrativa de percurso” (p.1).

E, o percurso era o curso de especialização em Saúde Coletiva e Educação na Saúde (ESCES). Um curso de formação em serviço, assim como as residências em saúde, porém com menor duração. O pré-requisito para a minha inserção foi ter a formação em Residência Multiprofissional³.

Resumo aqui, de forma sucinta e experimental, a organização do curso a fim de contextualizar minimamente o/a leitor/leitora: o curso está estruturado em duas esferas: a acadêmica e a profissional.

Na esfera acadêmica, iniciamos com uma turma de quarenta especializando/especializadas, divididos categoricamente entre bolsistas e cursistas. Nós, bolsistas, fomos inseridos/inseridas no curso a partir do processo seletivo e nos inseriríamos no Departamento de Atenção Básica do Ministério da Saúde (DAB/MS) pelo viés da formação em serviço. A grande maioria mudou-se para Brasília com este fim.

Os/as cursistas foram selecionados/selecionadas pelos coordenadores e pela coordenadora⁴ do Departamento para participar do curso em sua parte teórica (que está inserida na esfera acadêmica). A grande maioria era trabalhadores e trabalhadoras do próprio Departamento e moravam pela cidade ou seus arredores, as cidades-satélites de Brasília.

Na prática – a esfera profissional –, ambas as categorias acabaram por se misturar no ambiente de trabalho. A identidade enquanto especializando dava-se principalmente nos dias que precediam as entregas das tarefas das Unidades de Produção Pedagógicas, as UPP's.

As UPP's compõem, também, a parte acadêmica do curso. São aulas presenciais que ocorrem em uma frequência bimestral e que tratam dos assuntos relacionados ao conhecimento e desenvolvimento da Saúde Coletiva e da Atenção Básica. Além das UPP's, temos outro encontro presencial denominado de tutoria, onde discutimos questões acerca do trabalho e do curso com uma profissional vinculada à Universidade.

Temos também os momentos de ensino à distância, que eram compostos pela entrega das tais tarefas das UPP's, além da possibilidade de trocas com suas respectivas tutoras e demais colaboradores que nos deram aulas. Isso acontecia em ambiente virtual e foram testadas algumas plataformas para esta finalidade.

³ Para o curso, havia uma parcela das vagas para egressos/egressas de programas de Residências em Saúde e outra parcela para graduados/graduadas em Saúde Coletiva.

⁴ No período em que realizei o curso de especialização (julho/2013 a junho/2014), as coordenações eram assumidas por homens, sendo apenas a Coordenação Geral de Alimentação e Nutrição por uma mulher.

E, para finalizar este universo, temos as entregas de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC)!

Então, considerando que o TCC deva dizer sobre as experiências adquiridas neste tempo de formação em serviço de bolsistas e cursistas, opto pela cartografia como *hódos-metá*⁵:

“ Por sua vez, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*. Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude. Com isso não se abre mão do rigor, mas se é ressignificado. O rigor do caminho, sua precisão, está mais próximo dos movimentos da vida ou da normatividade do vivo, de que fala Canguilhem. A precisão não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse, como implicação na realidade, como intervenção.” (PASSOS, KASTRUP E ESCÓSSIA, 2009. p.10 e 11. grifos do texto)

E a minha referência para a cartografia foi Luciano Bedin da Costa, conhecido de outrora que, para mim, era do *núcleo das Artes* (como falam em Porto Alegre, da onde o conheci durante meu estágio eletivo no Programa de Residência Multiprofissional⁶). Não conhecia era seu profundo conhecimento e sabedoria sobre Deleuze, Guattari, Nietzsche e companhia.

E, com os atravessamentos do dia-a-dia do trabalho, ouvi falar de Marcos Botelho, quem fazia os vídeos do DAB – é assim que me fora apresentado. Formado pela Faculdade de Imagem e Som da UFSCar, para onde prestei o processo seletivo deste curso e fiquei na lista de espera...

Isso para dizer que retomei os desejos pelos vídeos, cinema e audiovisual, sendo suficiente para que eu o convidasse para o posto de co-orientador. E, após este encontro de ensinamentos e desejos, vim a saber seu profundo conhecimento acerca de Deleuze.

⁵ Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (2009) apresentam as *Pistas do Método Cartográfico* trazendo a etimologia da palavra *método*, derivada de *metá* (fim) e *hódos* (caminho): “Com essa direção, a pesquisa é definida como um caminho (*hódos*) predeterminado pelas metas dadas de partida.” (p.10.). E Eduardo Passos, em parceria com Regina Benevides, aprofundam mais a ideia na pista 8: *Por uma política da narratividade*.

⁶ No Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental da UFRGS, havia residentes formados em Artes.



Fotografia: Irina Moriyama, 2014. Aula de gestão do cuidado com Dani Noal – UnB

DO EXPERIMENTAR

“*Com cor*”

Confesso que não é fácil.

Às vezes, me faltou coragem..

Às vezes, me sobrou coragem...

*E, destas, tento aqui (**com**)partilhá-las!*

Definida a hódos-meta, era necessário apresentar a ideia para uma banca.

E, se a cartografia consiste num método *para ser experimentado e assumido como atitude*, o próximo passo era experimentar. Experimentar modos, reações, observações, críticas...

Assim como me disseram o orientador do TCR, Conrado Federici, sobre a coragem, e o poeta Eduardo Galeano, sobre o recordar (2012)... O que ambas as palavras têm em comum? ... Elas vêm do *cor* (em latim), elas vêm do *coração* (em português).

E é de coração que optei por experimentar apresentar a ideia do TCC de uma forma não convencional aos moldes hegemônicos que se deram nas apresentações e que se dão nos meios acadêmicos da saúde, por exemplo.

Não é fácil ter que apresentar a pessoas de uma banca e de uma sala cheia um trabalho fora do padrão – que pode parecer nada ter a ver com o que está sendo vivido, dito ou pedido. Para isso, há que se produzir resistência, há que se produzir-ter corpo *vibrátil*⁷, há que se ter coração *pulsátil*⁸.

Autores e autoras que discutem o corpo a partir da *ética* de Spinoza, falam do corpo como meio de encontro com o mundo. Na dualidade corpo e mente, Spinoza considera o seu paralelismo, sem sobreposições ou superioridades hierárquicas. É uma lógica que difere da lógica cartesiana hegemonicamente difundida na nossa sociedade, que considera o pensamento algo descolado do *corpo anatômico*.

⁷ Suely Rolnik utiliza o conceito de *corpo vibrátil* a partir da capacidade subcortical dos órgãos sensitivos: “por conta de sua repressão histórica nos é menos conhecida, nos permite apreender o mundo em sua condição de campo de forças que nos afetam e se fazem presentes em nosso corpo sob a forma de sensações. [...]Com ela, o outro é uma presença viva feita de uma multiplicidade plástica de forças que pulsam em nossa textura sensível, tornando-se assim parte de nós mesmos. Dissolvem-se aqui as figuras de sujeito e objeto, e com elas aquilo que separa o corpo do mundo. [...]É nosso corpo como um todo que tem este poder de vibração às forças do mundo” (2006, p.1).

⁸ Flávia Liberman, que foi orientada por Suley Rolnik em seu doutorado, acrescenta à ideia da constituição do corpo a sua pulsação. Um *corpo pulsátil* que ora insulfla e ora se retrai, de modo a acolher ou não o outro, sustentando intensidades e possibilitando ou inibindo suas aproximações (2009).

Assim, a preparação para ter e produzir um corpo aberto aos encontros com outros corpos era uma etapa do Trabalho.

Para Espinosa, quando um corpo encontra um outro corpo, uma ideia outra ideia, pode acontecer que esse encontro se componha para formar um corpo mais potente, ou que decomponha o outro, diminuindo sua potência de agir. (MASETTI, 2011. p.32)

Um corpo aberto para experimentar o que pudesse vir e surgir. Jorge Larossa Bondía (2002) fala da experiência e do experimentar. De acordo com a etimologia, a palavra experiência: “vem do latim *experiri*, provar (experimentar). [...]O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo.” (BONDÍA, 2002. p.26).

E, entre outros desdobramentos em suas *notas sobre a experiência e o saber de experiência*, o autor-educador vai desenvolvendo a ideia da experiência e do experimentar como uma zona de perigo, onde as pessoas que experimentam, que têm experiências (chamadas pelo autor de *sujeitos da experiência*), se permitem à transformação.

Jorge Bondía cita Martin Heidegger (1987 *apud* BONDÍA, 2002):

Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. (p.25)

Essa foi a proposta da apresentação: transformar as ideias iniciais construindo conjuntamente a partir do que surgisse daquele encontro entre pessoas e materiais.

Esta parte do Trabalho, de criação e produção, requeri uma habilidade intuitiva e sensível para cuidar de escolhas e processos que pudessem tocar o outro. Assim, encontro com as palavras *vivas* de Clarice Lispector, inspiração e sensibilização para tal.

Apresento a seguir excertos (des)conexos do seu livro *Água Viva*. Uma colcha de retalhos-trechos costurados a partir de suas aparições cronológicas no texto, porém sem nenhuma pretensão de temporalidade, pois, como a própria autora diz, é *fragmentária*.

Cada coisa tem um instante em que ela é. **Quero apossar-me do é da coisa** / E no instante está o é dele mesmo. Quero captar o meu. / Meu tema é o instante? meu tema de vida. Procuo estar a par dele, divido-me milhares de vezes em tantas vezes quanto os instantes que decorrem, fragmentária que sou / Quando vieres a me ler perguntarás por que não me restrinjo à pintura e às minhas exposições, já que escrevo tosco e sem ordem. / o que pintei nessa tela é passível de ser fraseado em palavras? / Estou consciente de que tudo que sei não posso dizer, só sei pintando ou pronunciando, sílabas cegas de sentido. / **o instante é semente viva / e se eu digo “eu” é porque não ousou dizer “tu”, ou “nós” ou “uma pessoa”, sou obrigada à humildade de me personalizar me apequenando.** (LISPECTOR, 1973.p.3-5. grifos da autora)

E, na tentativa de captar o é da coisa – o instante! –, apostei no instinto, na intenção e na intertextualidade.

O FOTÓGRAFO

Difícil fotografar o silêncio.
 Entretanto tentei. Eu conto:
 Madrugada a minha aldeia estava morta.
 Não se ouvia um barulho, ninguém passava entre
 as casas.
 Eu estava saindo de uma festa.
 Eram quase quatro da manhã.
 Ia o Silêncio pela rua carregando um bêbado.
 Preparei minha máquina.
 O silêncio era um carregador?
 Estava carregando o bêbado.
 Fotografei esse carregador.
 Tive outras visões naquela madrugada.
 Preparei minha máquina de novo.
 Tinha um perfume de jasmim no beiral de um sobrado.
 Fotografei o perfume.
 Vi uma lesma pregada na existência mais do que na
 pedra.
 Fotografei a existência dela.
 Vi ainda um azul-perdão no olho de um mendigo.
 Fotografei o perdão.
 Olhei uma paisagem velha a desabar sobre uma casa.
 Fotografei o sobre.
 Foi difícil fotografar o sobre.
 Por fim eu enxerguei a Nuvem de calça.
 Representou para mim que ela andava na aldeia de
 braços com Maiakovski — seu criador.
 Fotografei a Nuvem de calça e o poeta.
 Ninguém outro poeta no mundo faria uma roupa
 mais justa para cobrir a sua noiva.
 A foto saiu legal.
 (BARROS, 2010. p.379-380)

E algumas das tentativas da captura do instante são apresentadas aqui neste trabalho. As fotos, com legendas que dizem quem a fotografou e do que se trata e / ou do local, foram utilizadas na apresentação da ideia do Trabalho.

Do instinto

Apostando em algumas das minhas sensibilidades, registrei em fotografias e vídeos potenciais lugares, momentos e pessoas (em) comum(ns) de alguns trabalhadores e trabalhadoras do Departamento de Atenção Básica do Ministério da Saúde (DAB/MS).



Fotografia: Irina Moriyama, 2014. Estacionamento do DAB



Fotografia: Irina Moriyama, 2014. Barraca de frutas – à caminho do DAB



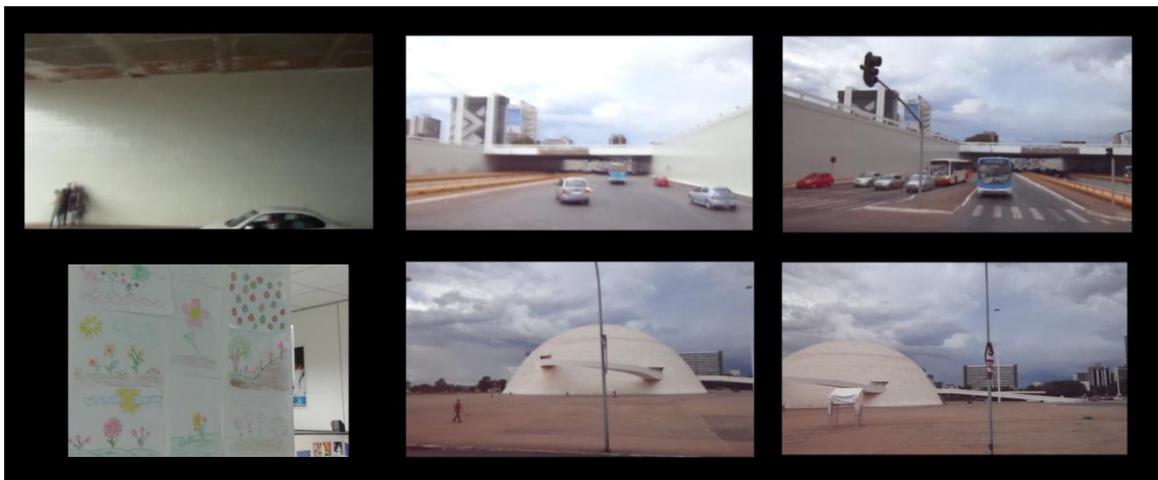
Fotografia: Irina Moriyama, 2014. Apresentação da banda do DAB – Ministério da Saúde

Da intenção

A produção do vídeo se deu de modo experimental, pelo programa de computador Movie Maker: no áudio, uma trilha sonora musical que lembra um trem em movimento, com o som de sua maquinaria; no visual, imagens em movimento mescladas com imagens estáticas das flores, frutas, carros e pessoas de Brasília.

A sensação de identificação, de tontura, de alegria, de letargia (quando apareciam as imagens estáticas após o movimento linear anterior)... A ideia era observar o que esse contexto audiovisual podia produzir numa sala com quarenta pessoas, às quais estariam passando por um dia de apresentações de pretensões de TCC's, entre serem as/os apresentadoras/apresentadores, as/o examinadoras/examinador e / ou a plateia.

A intenção era usar o vídeo como um dispositivo disparador de afetos e significações.



Vídeo: Irina Moriyama, 2014. Apresentação do projeto do TCC – *frames*
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X6CYnnRpU9o&feature=youtu.be>

Da intertextualidade

André Parente (2002), apresenta-me o conceito de *intertextualidade*, que se refere à interlocução do leitor com o texto, entendendo o texto como algo incompleto e que, a cada leitura / leitor, ganhará nova forma, ganhará outra vida! Assim também podem ser os vídeos.

O estruturalismo e o pós-estruturalismo reúnem, sob o conceito genérico de intertextualidade, uma série de noções distintas – dialogismo, desconstrução, obra aberta, rizoma –, que nada mais são do que um processo de abertura do texto, por meio do qual ele pode ser lido como uma rede de interconexões. A ideia geral é a de que o texto não tem um sentido que preexistiria à sua leitura: é a leitura que constrói o texto. (PARENTE, 2002. p.114)

E assim o vídeo foi se construindo. Tomando forma tanto durante a exposição quanto durante o momento destinado aos comentários.

No *durante a exposição*, foi possível ver corpos que se remexiam de um lado para o outro, desencostando-se do encosto da cadeira, projetando-se para a frente; olhares outrora cabisbaixos para a tela do notebook, agora fixos (ainda que por breves segundos) em direção ao vídeo; olhares de expectativas com as mãos em frente à boca; sorrisos e, por vezes, risadas.

Um resultado final eu posso afirmar: todas as pessoas que estavam presentes na sala dedicaram ao menos um tempo de sua atenção para a apresentação. Algo que não necessariamente acontece num contexto onde cada um está pré-ocupado com assuntos que lhes dizem respeito e obrigatoriamente estão numa sala para assistir apresentações projetadas em PowerPoint sobre assuntos que “não lhes dizem respeito”.

Este contexto não propicia a lógica do encontro dos corpos. É preciso tirar os corpos da inércia de seus egocentrismos esquizofrênicos para que possam, quem sabe, serem afetados com o mundo que os rodeia. “O sentido se institui nas relações, supõem encontro dos corpos” (VASCONCELOS, 2007.p.3).

No *durante o momento destinado aos comentários*, as devolutivas vieram de diversas ordens: foi questionado o intuito do vídeo, pois não havia sido possível observar o que ele queria expressar; foi elogiado com palavras e pessoas de afeto; foi falado sobre a falta de forma aos moldes solicitados para a apresentação dos conceitos e ideias do Trabalho; foram ditas identidades e emoções; enfim, sortidas...

Para além da experimentação da forma, o objetivo do Trabalho era mergulhar nas Rodas de Singularização. Um espaço aberto criado a partir da formulação do curso de especialização em serviço no Departamento que, *a priori*, não apresentava nenhuma metodologia determinada. A ideia e o convite era para que construíssemos conjuntamente, entre temas a serem abordados e métodos para tal. Nos encontros até então acontecidos, tivemos desde atividades que estimularam nossa sensibilidade até discussões técnicas sobre agendas prioritárias. Tinha-se espaço para propor atividades que estimulassem a produção do corpo vibrátil e pulsátil.

E, sendo a ideia a construção deste espaço, com vídeos feitos por nós mesmas, por exemplo – e essa foi a sugestão de uma parcela considerável do público presente –, o perigo que Bondía se refere é a possibilidade de que nada disso se concretize, que não caiba neste espaço.



Fotografia: Irina Moriyama, 2014. Placa em estacionamento de Quadra Residencial – Brasília

DA EXPERIÊNCIA

Silenciador

Silencia a dor

a inércia

o cansaço

a hegemonia

Vivencia o amor

a voz

o palhaço

a alegria

no espaço

As questões, demandas e exigências do trabalho no Departamento foram tomando conta, e as energias e parcerias dedicadas à construção das Rodas de Singularização eram outras. O vídeo que, ao ser apresentado, gerou brilho nos olhos, cumprimentos, sugestões e afirmações da necessidade de passá-lo nas Rodas para que se tivesse o espaço para discutir as reflexões das experiências em terras brasileiras que ele remetia, tudo isso não foi possível. Não se sustentou. Não coube.

Cansada de ser o camelo-metamorfoseado-em-leão⁹ de Nietzsche, perdi-me. E, assim como outrora, quando tudo parecia perdido, quando parecia não haver mais vibração neste corpo, recorro a uma receita ‘mágica’¹⁰: beber da fonte de inspiração, o orientador.

É isso aí, velho [Henry] Miller. Não mais carregar os valores, como burros de carga; nem mais lutar contra os mesmos, como leões que se digladiam até o último fado. Nossa terceira-idade é outra, e, antes que nos venham com dardos, já lhe adiantamos, (em A-L-T-O-e-bom-som), que estamos, desde sempre, de férias! (BEDIN, 2006. p.7)

⁹ Frederich Nietzsche, em seu livro *Assim falava Zaratustra* (1985), fala sobre as *três metamorfoses* do espírito: o camelo, o leão e a criança. O *camelo* é aquele que serve, que se sobrecarrega das mais árduas tarefas sem contestá-las. Ao metamorfosear-se em *leão*, enfrenta o dragão “Tu deves”, que tem por função aniquilar o “Eu quero” do leão. O leão, tem o poder de abrir o caminho, porém ainda não consegue criar novos valores. Isso é possível na terceira idade (ou metamorfose), a *criança*, que “é a inocência e o esquecimento, um novo começar” (p.21).

¹⁰ A sugestão de Conrado para as palavras-chaves (descritores) do TCR era: “magia; riso-choro; e encantamento”. Para quem não fizer sentido essas palavras-chaves aqui descritas, sugiro uma passagem pelo *Prelúdio do Autor*, páginas 7 e 8 da dissertação de mestrado de Conrado Federici (2004): *De Palhaço e Clown “Que trata de algumas das origens e permanências do ofício cômico e mais outras coisas de muito gosto e passatempo”*. E, para quem estiver em busca de mais sentidos, recomendo a viagem no TCR: *O QUE PODE UM CORPO? Sopros e ventos da Terapia Ocupacional na Residência Multiprofissional em Atenção à Saúde*.

Quem não se anima com essas palavras?

Para a minha sorte, mais do que o encontro com as palavras, me é possível o encontro com seu autor. E, deste encontro, alcanço a terceira-idade à qual ele se refere: a criança das *Três Metamorfoses* de Nietzsche¹¹.

Nesta esfera de criação, de potência, de um novo começo, eis que sou tomada pelo fenômeno *IV Mostra Nacional de Experiência da Atenção Básica / Saúde da Família*. No rodízio entre as coordenações do DAB, vou para a Coordenação Geral de Áreas Técnicas (CGAT), núcleo e coração onde o evento vinha sendo essencialmente idealizado e organizado.

A ideia inicial era discorrer sobre o conceito de *experiência*, via Bondía (2002), que sugere o nome do evento, bem como sua realização. Houve uma aposta e forte divulgação para que as apresentações saíssem do formato científico-acadêmico que estes tipos de eventos costumam ter – aquela tal hegemonia que falei no *Preâmbulo I*. Outras apostas foram no âmbito cultural-artístico, numa programação repleta de intervenções e espetáculos de música, cinema, dança, teatro, pintura, etc; e da comunicação, principalmente com a ideia da comunicação colaborativa, onde todas as pessoas são convidadas e provocadas a participar da divulgação do que estão vivendo.

E, na tentativa de resgatar o histórico das Mostras anteriores, há pouco conteúdo disponível na internet (site da III Mostra, Memorial da II Mostra e um TCC sobre a III Mostra). Conteúdo suficiente para saber que, desde sua primeira realização, o nome do evento era *Mostra Nacional de Produção em Saúde da Família* – 1999, 2004 e 2008 (BRASIL, 2004; PINHEIRO, 2009). Isso reforça mais a investigação acerca do termo *experiência*, que fora inserido nesta edição.

Não me foi possível saber sobre essa mudança sob a ótica de quem foi responsável por ela. Do que foi possível pelas buscas textuais sobre os eventos anteriores, o que havia era a *Mostra Nacional de Produção em Saúde da Família* e o *Concurso Nacional de Experiências em Saúde da Família* que ocorriam simultaneamente, tendo o último, premiações para trabalhos entre relatos de experiências, estudos e pesquisas (BRASIL, 2008).

Talvez o intuito tenha sido juntar ambos eventos e ideias sob o mesmo nome. Talvez... E, se assim for, apresento aqui a tentativa de reflexão acerca da potência da *experiência*, sob o viés de Jorge Bondía (2002) na *IV Mostra Nacional de Experiências na Atenção Básica / Saúde da Família*. Foi um lugar de experiências (tanto relatadas quanto vividas)?

¹¹ Ver nota de rodapé nº 9.

O evento foi organizado para um público estimado de dez mil pessoas, com parcerias entre esferas federal, estaduais e municipais, desde o custeio de três mil trabalhadores e trabalhadoras da saúde de nível técnico e / ou Agentes Comunitários/Comunitárias de Saúde (ACS), até a programação (oficinas e minicursos) e espaços institucionais. Em sua realização, o evento acolheu cerca de seis mil e trezentas pessoas de todo o país e do exterior.

O carro-chefe do evento eram as apresentações dos relatos de experiência. Na tentativa de fugir daquela hegemonia, optou-se por nomeá-los desta forma, ao invés dos conhecidos trabalhos, ou trabalhos científicos apenas. Para eles, haviam trinta e uma salas disponíveis para apresentações em todos os turnos (manhã, tarde e noite) e dias do evento. O que diferenciava os espaços era o turno, a quantidade de relatos apresentados e o tempo de apresentação.

As *Cirandas de Experiências* aconteceram às manhãs e tardes, com cinco a seis relatos por sala e duração de 20 minutos para apresentação de cada um, e os *Dedos de Prosa*, às noites, com oito a nove relatos e duração de 10 minutos. Além das trinta e uma salas, tivemos onze espaços denominados *Pontos de Encontro*, onde relatos inscritos e não classificados para apresentar nas *Cirandas* e *Dedos*, e relatos de trabalhadores e trabalhadoras do Ministério da Saúde (que não participaram do processo de classificação) poderiam ser apresentados.

Para estes, especificamente, houve um cuidado protagonizado pela equipe de curadoria (coordenadores/coordenadoras e curadores/curadoras) e educadores e educadoras populares.

A Curadoria foi um processo idealizado pela primeira vez na história deste evento. Sobre isso, acredito que muitos/muitas curadores/curadoras devam estar produzindo textos e mais textos.

O cuidado na construção de todos os espaços para apresentação dos relatos foi para que apresentadores e apresentadoras pudessem dar vazão e passagem para meios que possibilitassem a afetação do outro. Quando surgia um e-mail perguntando quais as condições das salas e equipamentos disponíveis para que fosse realizada uma intervenção teatral ou vivência do grupo a ser relatado, logo virava notícia para toda a equipe da coordenação.

Os demais espaços se dividiam entre oficinas, minicursos, mesas redondas, e espaços temáticos como *Tenda Paulo Freire*, *Espaço Viva às PICs* (Práticas Integrativas e Complementares), *Cuidando com PICs*, *PSE* (Programa Saúde na Escola), *Pólo Academia da Saúde...* Enfim, espaços que proporcionaram vivências,

palestras e debates sobre Políticas e Programas Nacionais que o governo federal, na esfera da Atenção Básica, oferece para as gestões estaduais e municipais.

Havia uma sala de cinema que, além de exibir filmes nacionais como *Tatuagem* (2013) e *O Renascimento do Parto* (2013), contou com a presença de diretores e estudiosos/estudiosas do cinema para debate dos mesmos; um teatro que apresentou espetáculos como *Se essa rua fosse minha* (Teatro Arretado / PB) e *Margarida, Cravo e Rosa em: o toque de vida* (Ponto de Cultura Curumins da Mata / MS); grupos de teatro, trupes de palhaços e grupos de danças culturais tomaram conta dos corredores e espaços que os acolheram; o *Labirinto das Sensações* (Cia. Paulista de Artes / SP) que criou longas filas de espera e as pessoas saíam com pirulitos (dê asas à imaginação!)¹²; o CiberespaSUS, com computadores conectados à internet para acesso e navegação a páginas institucionais e espaço para debates cibernéticos; entre outras atividades e espaços da programação; dois murais da arte de rua que é o grafite, tendo um deles, espaço para quem estivesse participando do evento assinar.

Espaços também cuidados em sua idealização e concepção. Porém deste eu não me atrevo a falar do processo, pois meu envolvimento foi com os primeiros. Deixo a cargo das passionais envolvidas, das quais foi possível observar a dedicação e vontade quando, às vésperas e até a manhã do primeiro dia do evento, os materiais e salas não estavam perto de concretizar as ideias.

Enfim, trago esses exemplos para contextualizá-lo/la sobre as possibilidades e potências que o evento trouxe. O próprio ministro da saúde foi trazido à mesa de abertura do evento sob o cortejo e embalo dos *Brincantes do Coco* (MA), e todos/todas que encontravam-se ao final do evento, foram trazidos para a mesa de encerramento sob o cortejo da equipe que organizou o evento com os grupos de maracatu.

Essas opções de entrada e saída são posturas estético-políticas que trazem consigo a escolha pelas formas nem sempre convencionais de eventos.

Como diz Suely Rolnik (2014): “*Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas*” (p.2. Grifos do texto). E todas essas vias de entrada, possibilitaram muitas saídas. De comentários de pessoas alheias, recém-conhecidas e pré-conhecidas, à destaques em meios de comunicação da saúde institucionais e blogs militantes, passando pelas milhares de fotos publicizadas #ivmostra e vídeos postados e compartilhados.

¹² Para sentir mais o gostinho, indico: <https://www.facebook.com/labirintodassensacoes> e <http://ulbra-to.br/encena/2014/03/16/Labirinto-de-Sensacoes-voce-nao-imagina-sente>

E, se as atividades foram muitas, deixando sempre a vontade de se multiplicar para poder aproveitar os espaços de interesse, o contato com elas, seja dentro das salas ou nos corredores, foi transformador.

Os descontentamentos e incômodos observados foram referentes, principalmente, à dificuldade de acesso ou compreensão da página virtual do evento, ao processo de divulgação da classificação dos relatos a serem apresentados e ao não custeio para a participação de profissionais de nível superior com relatos classificados.

Registro-os com o intuito de legitimá-los e pontuar discussões e desdobramentos que possam, ao serem trabalhados, aprofundar as questões a fim possibilitar suas mudanças para o futuro. Para a transformação, é necessário saber o objeto a ser transformado, caso contrário, não deixará de ser o mesmo, em outras versões, reproduções.

Assim, podemos considerar as realidades tanto de conectividade quanto de informação técnica-cotidiana da informática numa população difusa e diferente que é o povo brasileiro. Para a otimização da organização do evento, o auxílio de um sistema computadorizado é bem-vindo. A questão é não ser um fator limitante ou dificultador.

Entrando no mérito de seus desenvolvedores, os trabalhadores diretamente envolvidos (com quem tive contato, entre coordenador-geral do evento a programadores de outras regiões do país, todos reunidos¹³) dedicavam-se aos problemas possíveis e / ou prioritários a serem resolvidos. Se digo diretamente, é porque havia terceirizados que, não tão diretamente estavam responsáveis pelo desenvolvimento, porém com estes, eu não tive contato e as impressões sobre podem ter sido enviesadas pelo processo.

Uma equipe reduzida para o desenvolvimento da tecnologia. Assim também o eram as demais equipes. Entre elas, a responsabilidade pela organização das apresentações dos relatos ficou com as então especializadas (eu e Raissa Barbieri) da Coordenação. Assim, com atropelos nas definições do processo da comissão organizadora como um todo e uso de tecnologia não tão adequada, alguns erros ocorreram e deram subsídios a reclamações e insatisfações.

Acredito, então, que o objeto vá além da composição quantitativa e qualitativa da equipe e consequente sobrecarga desta. É também a capacidade operacional de profissionais da saúde no planejamento de ações e a exigência de grandiosidades,

¹³ Alberto Souza, Daniel Teixeira, Tiago Petra e Thiago de Lima, além do coordenador Felipe Cavalcanti, formavam um quarteto fantástico com seu surfista prateado. Todos homens com características caricatas (entre altura, rostos, cabelos ou óculos) e poderes-entendimentos “especiais” (desenvolvimento de aplicativo, design da página, entendimento de rede colaborativa, programação, etc). Foram reunidos ou por ter no coordenador alguém em comum, ou por parcerias em trabalhos e pesquisas ou pela lógica da Web 2.0, da rede colaborativa.

criação e produtividade dos/das trabalhadores/trabalhadoras, para que deixem suas marcas na história do Departamento.

A opção pelo custeio de participantes de nível médio e ACS pode ser justificada e compreendida pela nítida diferença entre as remunerações destes e destas em relação à de profissionais de nível superior (além do grandioso e significativo volume de trabalhadoras e trabalhadores dessa categoria). Porém, o custo para uma viagem, estadia e alimentação de profissionais graduados/graduadas numa cidade como Brasília não se torna mais possível. O objeto não deve ser a diferença entre as categorias de nível de ensino, mas sim a questão trabalhista-salarial.

Retomando os contentamentos (que acredito ser o que mais nos interessam), estes foram múltiplos, assim como devem ser as saídas supracitadas. Ficando como principal desafio dar / possibilitar a continuidade da energia produzida, dessa potência dentro dos corpos.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002. p.19)

Uma das propostas foi o uso da Comunidade de Práticas (CdP), a rede social institucional do governo federal voltada para assuntos relacionados à saúde e ao Sistema Único de Saúde (SUS), principalmente nas trocas de experiências entre trabalhadores e trabalhadoras da Atenção Básica do país.

Ao procurar sobre a IV Mostra na CdP, mesmo com a divulgação no site do evento para o compartilhamento das experiências lá vividas, encontrei pouco material. As fotos foram enviadas eram, com certeza, muito menos do que as tiradas e compartilhadas em outras redes sociais, alguns comentários de participantes (entre ouvintes e grupos artísticos) com pouca interação entre demais membros da página.

E tudo bem! A Comunidade de Práticas é um trabalho recente, não tem a necessidade e responsabilidade de alcançar a popularidade que redes sociais mais abrangentes têm. A questão agora é o seu investimento e reconhecimento.

Assim, reafirmo a necessidade já apontada da transgressão das disciplinas tradicionais da saúde. Ainda que tenhamos bons grupos e estudiosos/estudiosas sobre Comunicação na Saúde, Arte, Saúde e Cultura, Educação e Educação Popular em Saúde, entre outros temas transgressores.

Acredito, no desafio de se fortalecer o uso da Comunidade de Práticas pós-evento ou mesmo *in loco*. Para isso, é necessário que se tenha tal dispositivo entre as prioridades dos planos de ação do Departamento. Se a aposta for em construir relações com usuários e usuárias, trabalhadores e trabalhadoras, e gestores e gestoras da saúde, há que se apostar no dispositivo que possibilitaria isso.

A aposta também pode-deve se dar no âmbito departamental. Digo isso em relação à equipe e equipamentos: ora poucos, ora sobrecarregados, ora distantes...

O encontro dos corpos é essencial e, para isso, os eventos. Para o dia-a-dia, transversal a todo o país, o encontro pode se dar no âmbito das ideias, das palavras fotos e vídeos. E as redes sociais, atualmente em alta, são um meio potente para isso. Colocando-a no cotidiano e na acessibilidade (linguística e tecnológica).

Quem sabe ao lançar o memorial, produções audiovisuais, textos e outras entradas mais sobre a IV Mostra Nacional de Experiências em Atenção Básica / Saúde da Família, possamos retomar mais saídas múltiplas e produzir cada vez mais? São apostas em relação às energias e recursos do trabalho.

E, compondo com este trabalho de dar vazão pública aos afetos da IV Mostra, dedico aqui o registro das possibilidades da vazão privada. Privada no sentido de que não foi aberta, exposta aos demais, privada no sentido de que ficara guardada para os que presenciaram ou ouviram falar.

Para ir sintonizando os corpos-trabalhadores do Departamento, que seriam portas de entrada para as atividades do evento, o trabalho de sensibilização da equipe da Coordenação, em parceria com trabalhadores do Departamento de Apoio À Gestão Estratégica e Participativa (DAGEP), foi o de convidar estes corpos para encontros que tratariam sobre a realização da Mostra de forma melódica e harmoniosa.

Entrávamos nas salas, aos sons pianos de violão, gaita e voz: “Como você conta o que vocês faz? Como você conta o que você faz?” e o coro ia ganhando mais voz, palmas, sorrisos e percussão a partir das aberturas que eram dadas nos espaços do DAB. Em cada sala, uma recepção. À exceção de duas que não entramos, todas entraram na dança!



Fotografia: Irina Moriyama, 2014. Varal *cartográfico* – Brasília

DO SUJEITO DA EXPERIÊNCIA

“Despedaçando-se em palavras”

Eternamente

Eterna mente

Éter na mente

É ter na mente

um vão...

Um vão é um espaço oco, necessário para que sua existência contradiga a hegemonia dos espaços cheios, ocupados e entupidos, pois, como nos diz Bondía (2002), as pessoas contemporâneas precisam ser bem informadas. Mais do que isso, precisam ter opinião sobre o fato do qual foram informadas, ainda que ela se resuma primordialmente em ser contra ou a favor deste. Uma produção da sociedade contemporânea que não deixa espaços ociosos, que não deixa vãos.

Qual foi a última vez que vi(u) a vida passar feito um filme em pensamentos sentada(o) ou deitada(o) no sofá, na grama, na cama, na rede...? Fiquei(cou) no ócio, sem me(se) sabotar ao perceber que estou(á) “perdendo tempo”, ou ficar com a consciência pesada, pois tem uma quantidade infindável de tarefas a serem cumpridas.

Quando nos permitimos ter devaneios sobre as estrelas e as rosas, assim como o Pequeno Príncipe? Se não nunca, acredito que raramente – cada um/uma me responderá. Isso porque aprendemos que a vida não é assim, que a racionalidade é outra, oposta a esta. Pensar em estrelas e rosas não nos leva a saber os motivos de crescentes adoecimentos e CID's¹⁴, dizem os cientistas. Dar vazão e razão à sensibilidade e imaginação é outra lógica.

Assim também penso e ajo, em ambas as lógicas. Permito-me experimentar novos modos de estar nessa sociedade. Dessa forma, já senti no corpo a passagem de experiências em mim. E quero mais! Foi bom! E vou ao encontro do vão.

¹⁴ Conhecida pela sua abreviatura CID, a Classificação Internacional de Doenças tem em sua décima e última revisão (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde) abrange as causas de morte, doenças e motivos de consulta nos hospitais, ambulatórios e unidades de saúde, e a “ideia de uma “família” de classificações para os mais diversos usos em administração de serviços de saúde e epidemiologia” (DI NUBILA e BUCHALLA, 2008 .p.326).

É neste encontro que produzo reflexões. E as compartilho não no intuito de pensamentos concluídos e respaldados técnico-cientificamente, mas no intuito – e desejo – de provocação, para a inquietação do corpo e sanidade da alma. Lembra-nos Luciano Bedin (2011): “De toda forma, lembremo-nos do que escreve Nietzsche (2007, p.43), de que *não são as dúvidas, mas a certezas que nos enlouquecem*.” (p.35. grifos da autora)

Percebo-me, enquanto escrevo (aqui, neste *instante-agora!*), desejante de novas formas de apresentação do trabalho. Aprendi com o anterior que a apresentação também faz parte dele e, por isso, assim como nos lembra a *Intertextualidade*, pretendo apresentá-lo de modo que possibilite afetações e produções de sentido para que o assiste, para além de formalizar o seu/meu encerramento.

E assim o Trabalho se encontra. Sem uma forma definida de como será. Quem sabe em um próximo trabalho (ou capítulo aqui mesmo – não está finalizado), venha a contar da experiência que este foi. Assim como vim trazendo elementos apre(e)ndidos dos trabalhos anteriores.

O próximo passo é pensar em sua apresentação. Encontro nela a possibilidade do *trabalho vivo em ato*¹⁵ que todo/toda profissional de saúde tem o autogoverno em sua execução, na construção da relação com o/a outro/outra. No caso, com os expectadores e expectadoras. Se no começo, a proposta foi experimentar as afetações do público, agora, já encontro-me atravessada por elas e eles/elas.

Ser sujeita da experiência é, portanto, ser um lugar de acontecimento (BONDÍA, 2002).

Por acontecer em mim, sinto a necessidade de dar concretude ao gênero feminino das palavras. Apesar do nome do presente capítulo estar em sua conjugação masculina, mesmo se tratando de mim, mulher, optei desta vez pela estética familiar aos nossos ouvidos. Julgo que soaria estranho o suficiente para torcer o nariz e franzir a testa de leitores e leitoras um *Da sujeita da experiência*.

Para além dessa necessidade “individual”, retomo aqui as discussões realizadas no primeiro bloco de apresentações dos projetos e ideias dos Trabalhos que, em muito, perpassaram pela questão da discussão de gênero. Trabalhos sobre a Rede Cegonha, o Programa Saúde na Escola, o Departamento de Atenção Básica... Trabalhos que falam

¹⁵ Emerson Merhy denomina de *trabalho vivo em ato* a produção de cuidado que se dá no exato momento do encontro do/da profissional-trabalhador/profissional-trabalhadora de saúde com o/a usuário/usuária e, neste encontro de corpos, o/a profissional tem o autogoverno de como irá realizar tal produção, qual será sua disponibilidade para escutar, se deixar afetar e construir uma relação. Um texto que traz esta ideia clara e resumidamente é o *Trabalho em Saúde*, escrito em conjunto com Tulio Franco a pedido da EPJV / FIOCRUZ (2005).

de programas e do funcionamento do governo federal e, portanto, das pessoas que lá habitam. Todos podem dizer da diferença social que existe entre homens e mulheres, além de informar a quem acessá-los sobre essa diferença. É pautando as questões que elas passaram a ser pautadas.

E, se ser sujeita da experiência é, também, ser aberta a se expor (BONDÍA, 2002), por mais cansativo ou taxativa que pareça ser ou seja de fato, ter o cuidado de escrever a palavra no gênero masculino seguido de uma barra (/) e seu gênero feminino também é uma postura ética-estético-política. Ainda que a palavra no gênero feminino esteja em segunda...

Ser sujeita da experiência é, portanto, ser passiva de corpo, coração e paixão (BONDÍA, 2002).

Para além dos estranhamentos encontrados na trajetória apresentada nesta cartografia, encontro identidades no que inicialmente era apenas a epígrafe. Sergio Dalate (1997) faz uma análise sobre as poesias e os movimentos de Manoel de Barros, que perpassa pelo não-sentido das palavras, pela sua suavidade e rustidez. E, para o autor, nessa *poética do estranhamento* de Manoel de Barros:

Fica ressaltada, portanto, a dupla intenção de inaugurar uma fala poética e, ao mesmo tempo, proporcionar ao leitor atônito a reflexão sobre o ato de compor. O poeta traz para o centro da discussão, em sua obra, as questões que diretamente atingem o fazer poético: o que é poesia? De que é feita a poesia e quais são os materiais que a constituem? Como fazer poesia? Para que serve a poesia? (DALATE, 1997. p.13)

Finalizo o Trabalho questionando para o/a leitor/leitora sobre aquilo que chamamos de ciência, de pesquisa científica, segundo os rigores acadêmicos-políticos que nos regem / pressionam: O que é ciência? De que é feita a pesquisa científica e quais são os materiais que a constituem? Como fazer ciência? Para que serve a pesquisa científica?



Fotografia: Irina Moriyama, 2014. Placa Parque Bosque dos Constituintes – Brasília

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, pp. 120-28, 2002.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Dez anos de Saúde da Família no Brasil**. Disponível em: <<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/periodicos/Informe21.pdf>>. Acesso em: 27/05/2014.
- _____. **Memorial II Mostra Nacional de Produção em Saúde da Família**. Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/memorial_2mostra.pdf>. Acesso em: 27/05/2014.
- _____. **Programação III Mostra Nacional de Produções em Saúde da Família**. Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/programa_mostra.pdf>. Acesso em: 27/05/2014.
- BRASIL. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Saúde Coletiva e Educação na Saúde – Especialização em Serviço**. Disponível em: < <http://www.educasaude.org/>>. Acesso em 14/10/2013.
- COSTA, Luciano Bedin da. Com olhos da suspeita: Nietzsche e o estatuto da experiência em educação. **Reflexão e Ação**. v.19, n2, pp.28-41, 2011.
- _____. Ritornelos, takes e tralalás. **Dissertação de mestrado** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2006.
- DALATE, Sergio. Manoel de Barros: uma poética do estranhamento ou o encantador de palavras. **Polifonia**, n3, p.01-13, 1997.
- DI NUBILA, Heloisa Brunow Ventura; BUCHALLA, Cassia Maria. O papel das Classificações da OMS – CID e CIF nas definições de deficiência e incapacidade. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v.11, n.2, p.324-335, 2008.
- FEDERICI, Conrado Augusto Gandara. De Palhaço e Clown. Que trata de algumas das origens e permanências do ofício cômico e mais outras coisas de muito gosto e passatempo. **Dissertação de mestrado** – Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Campinas, 2004.
- GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços**. 2ª edição. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- GERMANY, Heloísa. **Portfólio como dispositivo de produção e avaliação pedagógica**. Texto utilizado em aula. Porto Alegre, 2014.
- LIBERMAN, Flávia. O corpo como pulso. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v.14, n.33, p.449-60, 2010.
- LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1973.
- MASETTI, Morgana. **Ética da alegria em um contexto hospitalar**. Rio de Janeiro: Sinergia, 2011.
- MERHY, Emerson; FRANCO, Tulio. Trabalho em saúde. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/upload/d/Trabalho_em_Saude_ts.pdf>. Acesso em: 07/06/2014.

MORIYAMA, Irina Natsumi Hiraoka. O QUE PODE UM CORPO? Sopros e ventos da Terapia Ocupacional na Residência Multiprofissional em Atenção à Saúde. **Trabalho de Conclusão de Residência**. Santos: Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) campus Baixada Santista. Programa de Residência Multiprofissional em Atenção à Saúde, 2013.

NIETZSCHE, Frederich Wilhelm. Das três transformações. In.: NIETZSCHE, Frederich Wilhelm. **Assim falava Zaratustra**. São Paulo: Hemus, 1985. p.19-21.

PARENTE, André. Imagens que a razão ignora – a imagem de síntese e a rede como novas dimensões comunicacionais. **Galáxia**, n4, 2002. pp.113-123.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 7-16.

PINHEIRO, Liliane Bispo Silva. Análise do perfil dos trabalhos premiados na III Mostra Nacional de Produção em Saúde da Família. **Trabalho de Conclusão de Curso**. Brasília: Universidade Católica de Brasília, Pró-reitoria de Graduação – Enfermagem, 2009.

ROLNIK, Suely. **CARTOGRAFIA ou de como pensar com o corpo vibrátil**. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>>. Acesso em 02/04/2014.

_____. **Geopolítica da cafetinagem**. Disponível em: <<http://eicpcp.net/transversal/1106/rolnik/pt>>. Acesso em 20/06/2014.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O Pequeno Príncipe**. 48ª edição. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

VASCONCELOS, Maria Helena Falcão de. **A escrita nômade de Clarice Lispector**. Disponível em: <http://www.alegrar.com.br/04/textos_A_04/03_escrita.pdf>. Acesso em: 22/04/2014.

Páginas da internet

III Mostra Nacional de Produção em Saúde da Família. Disponível em: <http://dab.saude.gov.br/evento/mostra/mostra_login.php?timeout=true>. Acesso em: 27/05/2014.

IV Mostra Nacional de Experiências em Atenção Básica / Saúde da Família. Disponível em: <<http://mostrasaude.net/>>. Acesso em: 27/05/2014.

IV Mostra Nacional de Experiências em Atenção Básica / Saúde da Família. Disponível em: <https://www.youtube.com/results?search_query=iv+mostra+experiencias>. Acesso em: 27/05/2014.